

TRADIÇÕES INVENTADAS: INTELECTUAIS, IDENTIDADES POLÍTICAS E USOS PÚBLICOS DO PASSADO NA AMÉRICA LATINA (SÉCULOS XIX-XXI)

A invenção da ordem do tempo em Sobral: cronologia, tradição e passado comum na historiografia sacerdotal local do século XX

The invention of the order of time in Sobral: chronology, tradition and the common past in 20th century local priestly historiography

Thiago Braga Teles da Rocha*

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

RESUMO: Neste artigo, interpreto a elaboração da ordem do tempo da história de Sobral a partir da escrita da história produzida por sacerdotes, com destaque para a *Cronologia Sobralense*, de Francisco Sadoc de Araújo, que embasa a tentativa de construção de um senso de tradição e passado comum para os habitantes da cidade. Discutimos, inicialmente, as inquietações sensíveis e teóricas que motivaram este texto. Em sequência, em três outros tópicos, analiso como três acontecimentos são representados nas principais obras dos padres que escreveram a história oficial da cidade. Por fim, concluo que a historiografia auxilia na construção de um imaginário constantemente reelaborado que forma uma perspectiva de consciência histórica, proporcionando a produção de identidades.

PALAVRAS-CHAVE: ordem do tempo; tradição; Sobral.

ABSTRACT: In this article, I interpret the elaboration of the order of time in Sobral's history based on the writing of history produced by priests, with emphasis on the *Cronologia Sobralense*, by Francisco Sadoc de Araújo, which underpins the attempt to construct a sense of tradition and a common past for the city's inhabitants. We first discuss the sensitive and theoretical concerns that motivated this text. Then, in three other topics, I analyze how three events are represented in the main works of the priests who wrote the city's official history. Finally, I conclude that historiography helps to build a constantly re-elaborated imaginary that forms a perspective of historical awareness, providing the production of identities.

KEYWORDS: order of time; tradition; Sobral.

*E-mail: thiagorochoa90@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0003-4147-7019>

O sensível e o teórico

É julho de 2023. Imaginemos um visitante que foi a Sobral¹ pela primeira vez naquele mês. Andando por suas ruas, explorando suas paisagens, atento às placas, cores e formas, pode ser contagiado, pegando de empréstimo a expressão de Michel de Certeau (2010a), por uma *overdose de imagens* que ajudam a compor o imaginário da cidade. Os sobrados, as cores, os símbolos eleitos da modernidade e da tradição parecem que se multiplicam, como um discurso que se repete, mas mantendo, ainda em si, as suas diferenças.

Por várias noites deste mês árido, com raras pancadas de chuva, o visitante pôde assistir concertos de nomes como Caetano Veloso, Criollo, Ana Cañas e Ney Matogrosso, nenhum tão lotado quanto o de Taty Girl ou do grupo Desejo de Menina. Naquele julho, os abundantes *shows* – ou “festas”, como a população costuma se referir aos espetáculos musicais – tinham um objetivo: comemorar os 250 anos de Sobral. Foi Caetano Veloso, tantas vezes ironizado por Belchior, o responsável por puxar os *parabéns para você* na noite entre os dias 4 e 5.

Esse momento foi cuidadosamente planejado nos meses anteriores. Um brasão, com o nome da espacialidade acima de um numeral colorido, em tons de azul e roxo, com as datas que delimitam a efeméride comemorada, ganhou as ruas da cidade, como um acontecimento marcante, que deveria ser valorizado (Figura 1). Um novo local, inclusive, é proposto para a realização dos espetáculos públicos. A antiga pista de pouso do Aeródromo Coronel Virgílio Távora, desativada após a inauguração do Aeroporto Regional de Sobral Luciano de Arruda Coelho, foi reformada e adornada, com a representação de casas e prédios tombados de Sobral, utilizada há anos no festival de quadrilhas, para o ritual de comemoração do aniversário de 250 anos.



Figura 1 – Brasão oficial das comemorações do aniversário de 250 anos de Sobral.

Fonte: Manual de identidade visual Sobral 250 anos. Disponível em: https://www.sobral.ce.gov.br/media/com_download/files/20230619112912.pdf. Acesso em: 13 de ago. de 2023.

Entorpecido de imagens e sons, o visitante pode ter sido convencido das potencialidades de uma cidade que se apresenta como tradicional e moderna, apontando para diferentes usos do tempo pelas administrações públicas, especialmente as que estiveram no poder desde 1997, quando Cid Ferreira Gomes (1997-2005), irmão do então prefeito, Ivo Ferreira Gomes (2017-2025), chegou ao executivo municipal. A tentativa de controle do tempo, produzida por meio de um discurso de equilíbrio entre *tradição* e *modernidade*, é praticada há pelo menos 25 anos por quem governa Sobral. Porém, essas imagens e palavras não foram projetadas ao vento. São parte de uma cultura histórica que tem na historiografia um dos principais formadores de identidade.

Assim como os discursos imagéticos espalhados dia após dia pela cidade, os textos pretensamente canônicos escritos por padres em Sobral apresentam regularidades discursivas entre si, reelaborando, em novas formas, narrativas similares sobre a cidade, organizando o discurso e o tempo da história de Sobral.

Dividindo-os em duas gerações, os padres Fortunato Alves Linhares (1869-1960) e Vicente Martins da Costa (1880-1948), além do bispo dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), iniciam a constituição de textos que dão forma à narrativa histórica na cidade, demarcando marcos basilares que se aprimoram como ritos e comemorações públicas, que são depois ampliados por João Mendes Lira (1925-2005) e, especialmente, por Francisco Sadoc de Araújo (1931), clérigo que considero o principal responsável por consolidar a ordem do tempo da cidade, a partir de sua *Cronologia Sobralense*.

Dos clérigos da primeira geração, Fortunato Linhares e Vicente Martins da Costa tiveram trajetórias ligadas a funções eclesiásticas, sendo párocos de possessões pertencentes, após 1915, à Diocese de Sobral, sendo subordinados, então, a dom José Tupinambá da Frota, que se diferenciou dos contemporâneos, entre outros pontos, por ter estudado em Roma e ser apadrinhado por um parente com relevante posição clerical, dom Jerônimo Tomé da Silva (1849-1924), então arcebispo de Salvador e primaz do Brasil. Os três clérigos eram associados ao Instituto do Ceará, importante espaço de produção e publicação do discurso histórico desde sua fundação, em 1887. Vicente Martins da Costa e Fortunato Alves Linhares publicaram seus principais textos na Revista do Instituto, ao passo que dom José converteu sua produção em um livro volumoso, que condensava os documentos eleitos pelo prelado como fundamentais para a história da cidade.

Já os clérigos da segunda geração, formada por João Mendes Lira e Francisco Sadoc de Araújo, conviveram com os clérigos da primeira geração ao longo de sua formação ou do início do sacerdócio, tendo parte de sua formação no Seminário São José, criado por dom José enquanto bispo. Ambos também tiveram destaque em cargos da Igreja Católica, mas ganharam maior relevância no campo educacional, sendo Lira conhecido como professor de escolas católicas, especialmente de história, ao passo que Sadoc de Araújo foi fundador e primeiro reitor da Universidade Vale do Acaraú (1968-1990). Ambos tiveram vasta produção, a qual ganhou luz em forma de livros, especialmente ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990.

Os lugares sociais de produção dos padres gravitam em torno de temáticas e eventos que são ressignificados ao longo dos anos. A Igreja e alguns escolhidos como representantes desta acabam por ser eleitos como protagonistas da trama histórica do passado de Sobral. Ao se ler os principais livros dessa escrita da história de Sobral, parece que a narrativa tem que se afunilar e passar por uma cancela estreita, orientando o curso do fluxo do tempo como se este fosse levado ao seu destino.

Entendo neste texto o tempo segundo a proposta de Ricoeur (2010), em que além das possibilidades semânticas de compreendê-lo como *cósmico* ou *vivido*, há um tempo inventado pelo historiador, o *tempo histórico*, que se torna presente a partir da narrativa, da escrita da história. É a partir desta possibilidade de invenção do tempo, com relações sociais e a partir de uma *intriga narrativa*, que reúno ferramentas para propor a análise dos textos que organizam a relação com o tempo. Encaro, então, a historiografia produzida por sacerdotes como uma fundamental baliza para o ato de se forjar identidades na cidade a partir de um passado comum, um *singular coletivo*, como chama Koselleck (2006), que apontam para as mudanças nas relações entre tempo e espaço nos últimos dois séculos, provocando “formas de organização inéditas e completamente diferentes” (2006, p. 123). Esta forma assemelha-se à noção de *procedimentos de conexão*, propostas por Ricoeur (2010), que são imprescindíveis para a racionalização de uma experiência do tempo.

Ora, mas se o tempo histórico, ou seja, o tempo narrado, é uma forma de *discurso*, ele pode ser acometido por certa *ordem*. Krzysztof Pomian (1984), influenciado pela noção de ordem do discurso apresentada por Michel Foucault (2009), propõe um estudo seminal ao analisar as várias possibilidades de constituição de uma *ordem do tempo*. Segundo a lógica proposta pelo autor, *cronometria*, *cronografia*,

cronologia e *cronosofia* são possibilidades de interpretar o tempo, traduzindo-o em linguagens diversas que ajudam a compor uma *arquitetura temporal*, ou seja, a edificação da relação do homem com o tempo. A *cronologia*, dentro da relação com as outras dimensões, seria a responsável “pelas séries de datas e nomes, que mostram as séries de eras e suas subdivisões desde o ponto de origem até o momento [...]” (p. IX).² A cronologia é, portanto, a maneira de se formular uma trajetória, dando à dimensão temporal qualidades próprias do espaço, como origem, marcos, etapas, passagens e destino.

Há ao menos duas formas de *cronologia*. A primeira é a de organização diacrônica da intriga histórica, tema relevante de análise em textos seminais de Koselleck (2006) e Certeau (2010b). Ela está imbricada à narrativa, sendo inseparável de seu fazer, indo comumente do início ao fim do recorte desejado. Já a segunda, que é mais rara, baseia-se na apresentação dos acontecimentos como uma sequência de dados e fatos, interligando data a uma seleção do que o autor julgou como digno de nota, sem haver um tecido narrativo claro costurado. É especialmente esta forma de cronologia que nos interessa.

Sadoc de Araújo lançou, entre 1974 e 1990, os cinco volumes de uma densa obra intitulada *Cronologia sobralense*. O clérigo elegeu os principais acontecimentos ligados à Sobral desde o século XVI até 1950, momento em que, sem justificativa aparente, decide cessar o texto que mais se parece um dicionário, tecendo a descrição de uma série quase infindável de efemérides escolhidas.

A atividade sacerdotal do clérigo e seu eminente amor por uma perspectiva de cidade mobilizam sua escrita e norteiam as escolhas que ele realiza por toda sua obra. Lembremos, junto a Certeau (2010b), que “O recurso à cronologia reconhece que é o lugar da produção que autoriza o texto, antes de qualquer outro signo”, além de ser “[...] a condição de possibilidade do recorte em períodos” (p. 97). O sacerdote que atua como historiador durante muitos anos, desempenhando funções de pesquisa e da docência em história, tem sua atuação enquanto padre como também norteadora na seleção da cronologia que tece para a cidade.

Como bem enunciou Farge (2011, p. 60 e 71) e o próprio Certeau (2010b, p. 266), da diversidade quase infinita de materiais dispersos e da contingência, o historiador compõe uma ordem, *fazendo história*. Entretanto, a que ordem de interesses a organização dos fatos e acontecimentos em uma narrativa atende?

Se o visitante que foi a Sobral em julho de 2023 se atentou aos símbolos da cidade, talvez tenha visto o brasão oficial, impresso em diferentes ornamentos públicos, notando a presença de duas datas em destaque, 1773 e 1841. Sob uma faixa vermelha, separando o nome *Sobral*, contornando a parte inferior de um brasão preenchido por signos que remetem à natureza (Figura 2), como as águas do Rio Acaraú, a Serra da Meruoca ou um sol incandescente, somados a signos que remetem a pretensa ideia de nobreza e distinção que a cidade exercita, como coroas e torres, os números apontam para o sentido das duas datas que a história canônica da cidade sacraliza, evidenciando a elevação do *Povoado da Caiçara à Vila Distinta e Real de Sobral*, em 5 de julho de 1773, e desta à *Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú*, em 12 de janeiro de 1841.



Figura 2 – Brasão de Sobral.

Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral. Disponível em: <https://www.sobral.ce.gov.br/a-cidade/simbolos>. Acesso em: 13 de ago. de 2023.

Os anos 1773 e 1841 são os dois aniversários de Sobral. Alternaram-se, inclusive, como a principal data de comemoração, tendo no passado a data de 1841 como protagonista, como podemos perceber na publicação do *Álbum do Centenário*, pelo jornalista Craveiro Filho, em 1941, que foi objeto de estudo da historiadora Luciana Moura (2010) em sua dissertação de mestrado. No mesmo ano, Vicente Martins lança seu *Homens e vultos de Sobral* (1941), a fim de publicar as biografias dos que ele elege como protagonistas da história da cidade em comemoração ao centenário de Sobral. *De Caiçara a Sobral*, lançada em 1971, por Lira, traz em si a menção ao aniversário de 130 anos de Sobral. Em contraponto, em 1973, o professor Ribeiro Ramos organizou, mas não publicou, outro álbum, em alusão ao de Craveiro Filho de três décadas antes, mas que ganharia o título de *Álbum do Bicentenário*, demonstrando que havia uma batalha pela memória de qual data seria encarada como a fundação de Sobral.

Como percebemos em 2023, a efeméride hoje vitoriosa é a da elevação à Vila Distinta e Real de Sobral, talvez por apontar para uma idade maior, tornando a espacialidade pretensamente mais velha e, assim, agregando com mais facilidade o sentido de tradição a sua imagem. Dentro da historiografia produzida pelos sacerdotes, os dois eventos ganharam relevância, ocupando costumeiramente um papel de destaque na narrativa. Junto a eles, a criação da Diocese de Sobral, em 1915, também é protagonista no ordenamento do tempo, tornando a Igreja Católica personagem central da história da cidade ao longo do bispado de dom José (1916-1959).

Discutirei a invenção de uma *ordem do tempo* que se tornou hegemônica para a cidade de Sobral, sendo (re)apropriada pelo poder público, constituindo vetores para comemorações sociais e sentidos de comunidades imaginadas (Anderson, 2008). No próximo tópico, analisarei as narrativas que concebem a invenção de Sobral a partir de sua elevação a vila, em 1773. No tópico seguinte, irei me deter às correlações entre o evento conhecido como *Sedição de Sobral*, de 1840, e a seguida consagração da espacialidade em *cidade*, em 1841. Em um último tópico, problematizarei as narrativas que, como um eterno retorno, almejam dar à Igreja Católica, no momento da criação da Diocese de Sobral, o protagonismo sempre presente nos textos dos sacerdotes. Por fim, refletirei sobre a relação entre a composição da ordem do tempo hoje e a influência dos sacerdotes que escreveram história.

1773, Vila Distinta e Real de Sobral

Em *Notas históricas da cidade de Sobral*, de Fortunato Linhares (1922), há um comentário referente à elevação do *Povoado da Caiçara* à *Vila Distinta e Real de Sobral*, reproduzindo o “Termo do levantamento do Pelourinho na povoação da Caiçara” (p. 259). Já Vicente Martins da Costa (1941), em *Homens e vultos de Sobral*, no tópico acerca da formação política da cidade, realiza uma narrativa de todo o processo de elevação à vila, explicando a origem do nome da vila que hoje é mantido para a cidade:

Em 1773 João Costa Carneiro de Sá, ouvidor geral, corregedor da Comarca do Ceará, em obediência à Carta Regia de 22 de Julho de 1766, expedida ao governador de Pernambuco – Manoel da Cunha Menezes, erigiu com nome de Vila Distinta e Real de Sobral, homenageando seu logarejo nativo em terras lusitanas, a povoação de Caiçara, o que foi solenemente feito, com o levantamento do pelourinho, ato em que serviu de escrivão Bernardo Guimarães Pessoa e que assistiram o referido ouvidor e muitas pessoas. (p. 15).

Irônico que o hino de Sobral, com letra de José Esmeraldino de Vasconcelos, composto no século XX, tem como primeiros versos “Nasceu Sobral entre sobreiros verdejantes / À margem esquerda do lendário Acaraú”. Sobreiro (*Quercus suber*), espécie de árvore parecida com o Carvalho (*Quercus*), é uma das árvores predominantes em Portugal, mas que não pertence à flora brasileira, especialmente

na região do semiárido, onde a Carnaúba (*Copernicia prunifera*) é a árvore predominante. Todavia, a busca por um imaginário que associe Sobral a alguma dimensão de influência europeia é marcante, imprimindo até uma visão da urbe surgindo em meio a uma vegetação daquele continente. Manoel da Cunha Menezes, sobralense de Portugal, não está presente no hino e ou no imaginário local.

Retornando à historiografia, a *História de Sobral*, de dom José, publicada pela primeira vez em 1952, traz um capítulo no qual o bispo explica aspectos da elevação à vila, da mudança do nome, dos símbolos, das instituições e dos cargos que surgem a partir do novo ornamento político, em que basicamente reproduz trechos de escritos de Tristão de Araripe, historiador ligado ao *Instituto do Ceará* (Frota, 1995, p. 271-302).

Lira, em *De Caiçara a Sobral* (1971), título que demonstra o desejo do clérigo em realizar um percurso cronológico entre os topônimos daquela espacialidade, em um capítulo específico, “Sobral Vila”, faz uma narrativa laudatória do acontecimento, acompanhada da ata de elevação do povoado em vila.

Mas, entre os cinco clérigos que propõem uma ordem do tempo para Sobral, foi Sadoc de Araújo o responsável por adornar de forma mais detida a elevação de Sobral à condição de vila, assim como os outros marcos centrais, como fundamental para a espacialidade. Por não propor uma intriga histórica tradicional, o sacerdote se detém em criar verbetes, em variadas datas, antes e depois do clímax proposto, mas que aludem ao acontecimento narrado em outro ponto do texto.

Antecedendo ao acontecimento, por exemplo, no verbete sobre 14 de novembro de 1772, Sadoc de Araújo afirma que “O Governador de Pernambuco, Manuel da Cunha Meneses, autoriza ao Ouvidor do Ceará João da Costa Carneiro e Sá a erigir em Vila a povoação da Caiçara, Ribeira do Acaraú, com o nome de Vila Distinta e Real de Sobral” (Araújo, 2015a, p. 359). Já após a elevação à vila, o sacerdote também cita eventos considerados “inéditos” com o advento do novo status político e administrativo da espacialidade, como a morte do primeiro homem, as primeiras sessões ordinárias da Câmara, o primeiro leilão do contrato de carnes ou até a primeira prestação de contas (2015a, p. 366-374), tentando demonstrar que, a partir do surgimento da Vila Distinta e Real de Sobral, haveria um tempo novo.

Entretanto, certamente é o dia de 5 de julho de 1773 que apresenta uma distinção estética na obra. Cinco páginas dedicadas ao mesmo verbete, citando de forma extensa atas da Câmara Municipal, apresentando, assim como dom José fez, componentes do novo ornamento político. Em sequência, após citar o livro de audiências, o sacerdote apresenta a relação das ruas da vila (em número de 12) e os variados serviços ofertados por profissionais, como os de tabelião, médico, advogado, professores, ourives, alfaiate, sapateiro, barbeiro, vendedor de fazendas, vendedor de material de construção, carpinteiros, pedreiros e ferreiros, o que demonstra a tentativa do autor em expor uma espacialidade tocada pelo progresso.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019, p. 63), em importante reflexão sobre o veto à descrição da materialidade do documento, afirma que “Encontramos, na narrativa historiográfica um certo veto à descrição da materialidade do que interpreta. A análise e a interpretação tendem a se sobrepor e esconder o próprio objeto analisado”. Tentando romper tal veto, observamos que o verbete de 5 de julho de 1773 tem uma mudança em sua edição e diagramação, propondo um título antes da data: “A VILA DISTINTA E REAL DE SOBRAL”, proporcionando a um leitor que passasse por aquelas páginas notar que aquele fato tinha maior relevância que os outros.

O verbete é carregado de adjetivos, ligados a uma imaginação histórica que valoriza de forma ufanista o evento, no qual Sadoc de Araújo afirma que “Em solenidade que fez vibrar de entusiasmo e alegria a população local, o Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca João da Costa Carneiro e Sá erige em vila a povoação da Caiçara que recebe o pomposo nome de Vila Distinta e Real de Sobral” (2015a, p. 361). A performance narrativa da Sadoc de Araújo erige uma imagem de uma comemoração coletiva, demonstrando a importância de uma efeméride que deveria ser rememorada.

Lembrar um acontecimento tratado como importante é algo tradicional dentro da atividade sacerdotal, como festas sacras e dias santos. A adaptação do modelo para o profano precisaria apenas de uma “santificação do momento”. Fernando Catroga (2005), historiador português com relevante trabalho sobre as formulações simbólicas das nações, afirma que, “Tal como a religião do cidadão, a religião civil também iria socializar e interiorizar o dever-ser cívico, isto é, o patriotismo, inscrevendo-o num horizonte ecumênico” (p. 16).

É algo que se assemelha ao apontado por Certeau (2010b), que, ao refletir acerca do papel do discurso historiográfico, compreende que ele “[...] explicita uma *identidade social*, não ‘dada’ ou estável, mas enquanto *se diferencia* de uma época anterior ou de uma outra sociedade” (p. 55-56). Ao analisar o discurso proposto Sadoc de Araújo, identifica-se a tentativa de diferenciar Sobral de outras espacialidades, compondo enunciados formados por ideias associadas ao suposto “pomposo nome” da vila. É algo também similar à estrutura apontada por Eric Hobsbawm (1997), que, ao refletir sobre a “invenção das tradições”, destaca que “O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição” (p. 10). A *ordem do tempo* de Sobral não é composta por revoluções, mas sim por um senso de continuidade, exercitada a partir da rememoração de datas e fatos que defendem uma tradição inventada, produzindo identidades.

1841, Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú

O segundo acontecimento eleito pelos clérigos como fundamental para a compreensão da história de Sobral foi a elevação da Vila Distinta e Real de Sobral à Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, em 12 de janeiro de 1841. Todavia, esse acontecimento, que compõe a simbologia oficial da cidade, é visto enquanto desfecho de um processo que tem seu clímax ao longo do mês anterior, a *Sedição de Sobral*. Tal conflito está relacionado a um motim realizado pelo Tenente-Coronel Francisco Xavier Torres, que, ao retornar da campanha nas províncias de Piauí e Maranhão no contexto da revolta do período regencial conhecido na historiografia como *Balaçada (1838-41)*, rompe com a estrutura imperial, adere ao movimento sedicioso e provoca do presidente da província do Ceará, José Martiniano de Alencar, pai do famoso romancismo brasileiro homônimo, uma reação bélica.

Dom José e Sadoc de Araújo parecem influenciados na tessitura de suas narrativas pela *Revista do Instituto Histórico*. Em 1906, foi editado o artigo *Para a história de Sobral: sedição ou rebelião em Sobral em 1840*, originalmente publicado em 1894 no jornal *A Ordem*, de autoria de José Vicente França. No texto, o autor reclamava do esquecimento a que o acontecimento ficou relegado, devendo ser valorizado para a história do Brasil. Outro escrito associado ao evento a ganhar destaque nas páginas da *Revista do Instituto*, em 1927, foi uma carta datada de 1841 escrita por Rufino Pontes de Aguiar endereçada ao seu pai, Manuel de Pontes Franco. Esse texto é tratado como o principal documento utilizado pelos clérigos para compor o imaginário dos embates ocorridos em 1840.

Enquanto Fortunato Linhares, Vicente Martins e Lira, apesar de não esquecerem, deram um espaço relativamente menor em suas obras para a narrativa tanto do conflito bélico quanto do ato político de elevação à cidade, dom José, em *História de Sobral*, e Sadoc de Araújo, em *Cronologia sobralense*, tratam o evento como um dos principais marcos da cidade. O bispo presa por realizar uma pequena síntese histórica, seguida da reprodução da carta de Rufino Pontes de Aguiar e da citação de *Comunicado do Arquivo Público do Ceará*, provavelmente de autoria de Guilherme Stuart.

A síntese histórica realizada por dom José é a principal fonte de inspiração para a narrativa de Sadoc de Araújo, que aparentemente a recortou e a transliterou em seu dicionário de datas e fatos.

O único desacordo entre os autores é acerca da data de início dos conflitos, apontados pelo bispo como 11 de dezembro de 1840, ao passo que Sadoc de Araújo, amparado por outros relatos e fontes, cita que a data precisa seja dia 14. Sadoc de Araújo deu novamente um grande destaque a um evento que considera como marco da composição da organização do tempo em Sobral. No segundo volume de *Cronologia sobralense*, é o verbete referente à data de 12 de janeiro de 1841, que, inclusive, delimita o fim do livro, “A vila de Sobral foi elevada à categoria de cidade com o pomposo nome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. A cronologia de Sobral cidade, vai narrada a partir do 3º volume” (Araújo, 2015b, p. 321).

Todavia, mesmo não criando uma intriga articulada de forma contínua, a elevação de Sobral a cidade é concebida muitas páginas antes, associando-a a um processo que tem a *Sedição de Sobral* como motivador principal. Desde o verbete referente ao dia 14 de abril de 1840, constroem-se fragmentos dessa narrativa, apontando para o deslocamento inicial das tropas de Francisco Torres de Fortaleza para Sobral “onde deveria juntar-se às demais tropas para combater os balaíos no Piauí” (Araújo, 2015b, p. 308).

Poucas páginas a frente, novo componente é inserido, quando, ao falar sobre a posse de José Martiniano de Alencar, integrante do Partido Liberal, em 20 de outubro de 1840, Sadoc tece o seguinte comentário: “Os conservadores de Sobral não receberam com simpatia esta nova investidura do líder liberal. Assume o poder sob clima de grande agitação provocada pela guerra dos balaíos” (Araújo, 2015b, p. 311). O complemento dessas informações, dando uma chave para a compreensão dos acontecimentos que virão, é feito no verbete do dia 12 de novembro de 1840, quando cita sobre a chegada das tropas lideradas por Francisco Torres, além de um irmão, Luiz Torres, e um cunhado, Antonio José de Oliveira, em Sobral, que ficaram estacionadas na vila, após combates no Piauí. Sadoc de Araújo comenta que, “Ligados ao Partido Conservador, estes militares receberam o apoio dos conservadores de Sobral, Coronel Francisco Joaquim de Sousa Campelo e Joaquim Ribeiro da Silva” (Araújo, 2015b, p. 312).

É nesse momento da obra que o autor tenta realizar uma relação causal. Apesar das datas e de seus verbetes serem apresentados separados, quando lidos em uma sequência, complementam um ao outro, construindo uma forma de lógica narrativa. A forma como Sadoc de Araújo concebe sua *Cronologia sobralense* aponta para a preferência por uma obra de fácil pesquisa, especialmente para algum estudioso que deseje utilizar a obra como referência, mas peca em realizar costuras em seus enredos.

Como propõe Ricoeur (2010, p. 302), a construção de enredos a partir de uma relação causal, apontando razões e acontecimentos, criando uma ordem teleológica, fazendo algo acontecer, é um ato de produzir a intervenção no curso dos acontecimentos, mobilizando um sistema e garantindo que, dentro da narrativa, o processo narrado se torne hermético. A *Cronologia sobralense* não atende a essa percepção, pois o fechamento da intriga não fica a critério do autor, mas sim do leitor que recorta as datas e realiza as conexões deixadas pelo autor em seus verbetes. Apropriando-me da imagem criada por Albuquerque Júnior (2019) acerca da atividade do historiador, Sadoc de Araújo tem dificuldades em ser um *tecelão dos tempos*, pois não entrelaça suas linhas, produzindo um tecido narrativo justo, coeso. Produz, na verdade, várias linhas soltas a partir de uma cronologia que não é plenamente imbricada, propondo ao leitor a costura das linhas, instituindo, assim, uma outra forma de pacto narrativo.

A chegada de José Martiniano de Alencar a Sobral em 1 de dezembro de 1840, a recepção realizada pelo Senador do Partido Liberal Francisco de Paula Pessoa e ainda pelo próprio Tenente-Coronel Francisco Xavier Torres, no dia seguinte, iniciam a narrativa dos eventos ligados à Sedição de Sobral, de forma mais detida, até o dia 15 de dezembro (Araújo, 2015b, p. 312 e 313). Nessa altura do texto, Sadoc de Araújo deixa sua *Cronologia sobralense* focada nesse evento, mudando a forma, compondo assim algo mais próximo de uma intriga histórica. Boatos de prisão de opositores de Alencar (dia 4), encontro entre Torres e Alencar, com a solicitação de um pedido de demissão para Torres (dia 5), acatada no dia seguinte, com a saída deles e de seus aliados antecede a intensificação das tensões que

se aprofundam entre os dias 7 e 11 de dezembro, com a nomeação de um novo comandante para as antigas tropas de Torres, a desobediência de alferes da região às ordens de Alencar e o anúncio de uma conspiração para derrubar o presidente da província pelo alferes Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá, aliado de Torres, ganham as páginas da *Cronologia Sobralense*, antecedendo a narrativa que no dia 12 de dezembro de 1840 é publicada uma ordem de adiamento das eleições para deputados, fato que Sadoc de Araújo comenta como algo que “deixou insatisfeitos os líderes do Partido Conservador sobralense que viram nesta determinação do Presidente um expediente para dificultar a vitória do partido” (Araújo, 2015b, p. 14-15).

São nos verbetes dos dias 14 e 15 de dezembro de 1840 que o conflito bélico e seu desfecho são explicados. Sadoc de Araújo narra que, enquanto os conservadores estavam reunidos em um sobrado localizado na esquina da praça do mercado, intencionando prender Alencar e proclamar um novo presidente para a província, a um quarteirão dali, “Alencar, precavido, mandou guardar a frente do sobrado [do Senador Paula Pessoa] em que estava hospedado, com numerosa e bem armada tropa de soldados, e ficou aguardando os acontecimentos” (Araújo, 2015b, p. 316). É nesse ponto que Torres reaparece na trama, sendo apontado como responsável por reunir tropas dissidentes próximas ao sobrado onde estavam os membros do Partido Conservador. Um clima de tensão era criado, preparando para a narrativa de um conflito bélico. O clímax do conflito é assim narrado:

Às nove horas da noite, o sino da Matriz, cuja torre fora ocupada pelos revoltosos, começou a tocar o sinal de alarme e começaram a ser disparados os primeiros tiros contra Alencar pela tropa aquartelada na casa de Pinto Braga. A tropa legalista reagiu, respondendo com grande intensidade os tiros que recebiam. A luta perdurou por quase dez horas, houve combate nas ruas, até que, com a claridade do sol nascente, os revoltosos foram obrigados a desistir do intento. (Araújo, 2015b, p. 316-317).

Enquanto dom José reproduz a carta de Rufino Pontes de Aguiar, Sadoc de Araújo tratou de elaborar uma intriga, colocando os acontecimentos que selecionou em movimento, propondo uma lógica para o seu texto dentro de uma proposta de uma cronologia. Os verbetes dos dias 5 de julho de 1773 e 14 de dezembro de 1840, destacam-se pela performance realizada pelo clérigo, tendo similitudes em sua extensão e pela estética com que são produzidos, instaurando uma forma diferente de pacto com o leitor.

A *Sedição de Sobral* é tratada por Sadoc de Araújo, assim como fora por dom José, como o grande conflito bélico ocorrido na cidade, sendo erigido como um acontecimento central para a organização do tempo histórico de Sobral. Todavia, ele necessitou de uma performance narrativa de Sadoc de Araújo para envolver o leitor, com a imagem do sino da matriz tocando pelos revoltosos, articulado com as tensões entre as tropas aquarteladas nos sobrados opulentos que ganha o desfecho sangrento nas ruas da vila por horas a fio, terminando apenas ao nascer do dia.

Essa imagem é confrontada pelos efeitos da batalha. Em vez de vermos as ruas da vila tomadas pela destruição e por vasto números de mortes, o grande evento bélico da história de Sobral narrado na *Cronologia sobralense* conclui que os custos da batalha foi a morte de quatro revoltosos e oito feridos, ao passo que as tropas legalistas tiveram duas baixas e cinco feridos. Seis pessoas mortas e 13 feridas, sem nomes, sem rostos, reduzidos apenas a números, foi o resultado apresentado sobre o conflito.

Obviamente não há como se mensurar o valor de uma vida humana, mas toda a narrativa apontava para tensões que se desdobrariam em uma plena carnificina. Compreendo que a intriga realizada por Sadoc de Araújo estava orientada para a explicação de um sentido teleológico e racional, sustentado na sequência de fatos de sua cronologia. Esta estratégia falhou em provocar imagens impactantes. Os números, especialmente baixos, não representam com sensibilidade as vidas que foram tiradas naquela

batalha. Dentro da lógica racionalista que o autor propõe, o número de seis baixas sem nomes, trajetórias ou afetos parece pequeno.

Entretanto, as narrativas do dia 15 de dezembro ainda empreendem uma forma de detalhamento no discurso histórico similar ao que Barthes (2012) certa vez categorizou como *efeito de real*. Ou seja, a narrativa de Sadoc de Araújo garantiria importância ao evento por meio da estratégia de enfatizar pormenores, por detalhar eventos, por criar adornos, dando especial espaço ao personagem vencedor:

15 de dezembro (3ª-feira): A vila amanheceu em grande agitação popular, com grande número de pessoas invadindo as ruas. Pelas sete horas da manhã, já não se ouviam [*sic*] tiros. Os rebeldes tinham fugido e Alencar, vitorioso, aparecia na sacada do sobrado, visivelmente abatido, mas sorridente e sereno. Imediatamente ordena que se prendam todos os cabeças da sedição. Estes não mais se encontravam na Vila. Fugiram. (Araújo, 2015b, p. 317).

O autor não aponta fontes para embasar os detalhes que narra. Sua imaginação histórica orienta uma narrativa que valoriza o desfecho do evento e o líder do grupo vencedor, José Martiniano de Alencar, que se torna protagonista e, conseqüentemente, que em retribuição ao apoio das lideranças que recebeu, reserva à Sobral um novo status político no mês seguinte. Segundo Sadoc de Araújo (2015b), construindo ainda no mesmo verbete a ideia de um processo,

[...] Alencar procurou agradecer a colaboração dos sobralenses que lhe ficaram fieis [*sic*], elevando a Vila à categoria de Cidade, no dia 12 de janeiro do ano seguinte, com o cognome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. O superlativo da qualificação bem demonstra a Fidelidade que sentiu receber dos sobralenses. A Rua Grande, hoje Avenida dom José, palco dos combates passou a se chamar Rua da Vitória e, posteriormente, Rua Senador Paula. (p. 317).

Dentro da lógica proposta por Sadoc de Araújo, que é hegemônica na análise da *Sedição de Sobral*, a mudança do topônimo de *Vila Distinta e Real de Sobral* para *Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú* simboliza uma transformação de categoria que deve ser valorizada como componente da importância que a espacialidade ganha com o passar do tempo. Apesar do nome em homenagem a uma das irmãs do então imperador Pedro II, *Januária* foi logo substituída novamente por *Sobral*, identidade que os habitantes já mantinham, reinstituída em 25 de outubro de 1842 pelo Presidente da Província José Joaquim Coelho, alterando o topônimo para *Cidade de Sobral*. Adjetivos como “distinta” e “real”, assim como “fidelíssima”, deixavam de aparecer no nome oficial de *Cidade de Sobral*, mas o apreço por estes adornos parece ressoar na cidade até os dias de hoje.

1915, a Diocese de Sobral

Outro acontecimento erigido pelos clérigos para compor o ordenamento do tempo de Sobral foi a elevação da Paróquia de N. S. da Conceição, fundada em 1757, para Diocese, em 1915. Os clérigos que narram a história da cidade, com especial destaque para Sadoc de Araújo, empreendem grande energia em destacar a importância desse marco temporal, entronizando dom José, primeiro bispo da nova diocese a partir de 1916, como personagem central da trama.

Tanto Fortunato Linhares (1922) quanto Vicente Martins da Costa (1941), em suas sínteses históricas, narram a criação da diocese. Mas é em outra obra de Vicente Martins, a biografia *Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral*, publicada em 1926 na *Revista do Instituto Histórico*, que o evento ganha destaque, narrando com detalhes a sagração episcopal de dom José em Salvador, por seu tio, dom

Jerônimo Tomé da Silva, primaz do Brasil, além do retorno a Sobral e de todas as cerimônias festivas que ocorrem ao longo de 1916, ano da sagração episcopal (Costa, 1926, p. 108-117).

Lira, em *De Caiçara a Sobral*, também se detém à criação da Diocese de Sobral, empreendendo uma narrativa que demonstrava a associação da cidade com a Igreja Católica, a fim de justificar o porquê de Sobral se tornar uma diocese:

A vida religiosa em Sobral desenvolveu-se bastante. Aumentando o número das igrejas, crescia o número de Padres residentes na Cidade. Das famílias cristãs de Sobral saíram vários bispos, como D. José Lourenço, bispo de Manaus, D. Jerônimo Tomé da Silva, arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, o qual tudo fez para que nossa terra fosse sede de um Bispado, o que realmente aconteceu a 10 de novembro de 1915, quando o Papa Bento XV criou a nossa Diocese, sendo nomeado seu primeiro Bispo D. José Tupinambá da Frota, sagrado a 29 de junho de 1916. (Lira, 1971, p. 47).

O tema ganha mais espaço na biografia de dom José publicada por Lira em 1982, em comemoração ao centenário de nascimento do prelado, demonstrando que o evento de elevação da paróquia de Sobral ao status de diocese estava personificado na figura de dom José, sobrinho do arcebispo primaz do Brasil e administrador da Igreja Católica em Sobral por mais de cinquenta anos.

Curiosamente, o tratamento dado ao acontecimento por dom José é diferente. É ele o escolhido para ser o marco final de *História de Sobral*, não havendo grandes discussões sobre o período em que este já era bispo em sua obra. A escolha do surgimento da Diocese de Sobral como acontecimento final da obra de dom José parece que propositalmente foi eleito para simbolizar o desfecho de uma ordem teleológica que colocava a nomeação do bispo como o ponto final da interpretação de *História de Sobral*.

Nenhum capítulo da obra tem como temática algo relacionado ao período posterior ao surgimento da Diocese de Sobral. Entretanto, quando há a discussão de temas variados que, por algum motivo, avancem até os anos posteriores a meados da década de 1910, como um capítulo acerca da matriz da cidade, o bispo narra os eventos em terceira pessoa, diferenciando-se como narrador-observador, assim como a forma a seguir:

Aproveitando o ensejo das festas comemorativas do primeiro centenário da elevação da Vila de Sobral á categoria de cidade (12 de janeiro de 1942) [*sic*] o Bispo dom José Tupinambá resolveu empreender o serviço de remodelação da sua Catedral, ocorrendo também naquele ano o vigésimo quinto aniversário da instalação do Bispado. (Frota, 1995, p. 100).

Não há, na obra de dom José, menções à bula papal ou ao processo que instaurou a diocese em Sobral. Mesmo que de forma sutil se colocando como protagonista em trechos como o exemplificado acima, o bispo optou, por conta de seu recorte temporal, por silenciar sobre a maior parte da experiência episcopal. Seu principal herdeiro nas lides da escrita da história da cidade, Sadoc de Araújo, preenche essa lacuna. No último volume de *Cronologia sobralense*, que tem como recorte os anos de 1910 a 1950, trata de narrar, assim como fizera com os dois eventos políticos apresentados há pouco, a criação da Diocese de Sobral indicando fatos distantes um do outro até que, caso articulados, formem uma lógica narrativa.

Sobre o dia 8 de novembro de 1914, ele cita a carta de dom Jerônimo Tomé da Silva à imprensa local comunicando sobre o surgimento de um bispado na cidade (Araújo, 2015c, p. 37). Na página seguinte (p. 38), sobre o dia 13 de janeiro de 1915, o clérigo cita a chegada do padre Filomeno de Monte Coelho na cidade com o objetivo de levantar recursos para a instalação da Diocese de Sobral,

o que é complementado no verbete do dia 24 de abril (p. 38), informando sobre a compra de um sobrado, o mesmo prédio onde José Martiniano de Alencar ficou aquartelado durante a *Sedição de Sobral*. Finalmente, o evento se concretiza no verbete do dia 10 de novembro, quando Sadoc de Araújo informa: “Pela Bula ‘Catholica Religionis Bonum’ do Papa Bento XV, foi criada a Diocese de Sobral” (Araújo, 2015c, p. 43).

Com a criação da Diocese de Sobral, a escolha do primeiro bispo passa a ser o protagonista da narrativa. Entre as páginas 53 e 55 são narrados os fatos acerca da escolha de dom José, então pároco da cidade e sobrinho de dom Jerônimo, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, como o escolhido para o bispado (p. 53), posteriormente sendo sagrado em Salvador por seu tio (p. 54) e tomando posse no dia 22 de julho (p. 55), rezando sua primeira missa no dia seguinte.

Desde a elevação de Sobral ao status de sede de um bispado, tendo dom José como primeiro prelado, a escrita da historiografia clerical passa a equilibrar as ações profanas com as da Igreja, evidenciando o *processo de romanização* praticado pelo prelado, com a intervenção em diversos aspectos do espaço urbano, criando uma Santa Casa, escolas para as elites, jornal e seminário para a formação sacerdotal. Dentro dessa lógica, a Igreja Católica, que fora a protagonista na ocupação do território que passou a ser Sobral, volta a ser protagonista após séculos de afirmação política da cidade, tornando-se novamente a grande personagem de Sobral.

Conclusão: Eventos do passado ou do presente?

Nos últimos anos, a ordem do tempo foi refundada, restituindo mitos que são essenciais para a cidade. Em 2015, a Diocese de Sobral, administrada a partir daquele ano por dom José Luiz Gomes Vasconcelos, realiza uma série de eventos em comemoração ao seu centenário. Uma reforma da catedral, o lançamento de um livro comemorativo, além de sessões públicas, as missas magnas e a temática relembra até em questão de vestibular da Universidade Estadual Vale do Acaraú, principal universidade pública da cidade, adornam a rememoração do evento. Dom José Vasconcelos foi tratado como herdeiro de dom José Tupinambá da Frota, ambos pincelados como príncipes da Igreja Católica.

Movimento similar, mas na ordem política profana, aconteceu com as comemorações dos 250 anos de Sobral. O status de “vila” foi silenciado, como também parece hoje ser esquecido o momento em que a espacialidade vira cidade. O rito de comemoração conjunta é outro. Mas, o que estes 250 anos desejam comemorar? Interpreto que a resposta seria a de associar à cidade a ideia de tradição, que, aliada ao constante discurso de progresso, garante um enunciado de uma cidade modelar.

Assim como no passado, a ordem do tempo é tecida a fim de criar marcos para o tempo partilhado pela comunidade, contribuindo para a formação do que Rüsen (2016) chama de uma consciência histórica e, por meio dela, constituindo um senso de identidade histórica. Ao mesmo passo, cria-se uma relação de consolidação de ação política que traz capital simbólico aos gestores que empreendem com eficácia a articulação entre as ideias de tradição e modernidade.

As balizas temporais criadas pelos clérigos ao longo do século XX, dia após dia, tornam-se perenes na cidade. Uma série de enunciados que cuidadosamente foram forjados e exercitados nas obras de história, com detalhamentos que davam um senso de verossimilhança ao que era narrado, possibilitaram o estabelecimento de algo que Certeau (2006), bem como Hartog (2017), aponta como uma das dimensões do discurso histórico que os clérigos, a seu modo, conhecem bem, o regime de crença.

A análise das narrativas dos clérigos, em contraposição aos enunciados produzidos pelo poder público, aponta que, se no passado houve uma composição de defesas que partiam do discurso histórico para justificar uma ou outra data como relevantes para a cidade, no tempo presente essa estratégia parece ter sido modificada a fim de naturalizar datas e eventos na composição da identidade da cidade.

Fragmentos da história escritos pelos sacerdotes foram, pouco a pouco, mitificados. A historiografia sacerdotal se tornou cada vez mais canônica, não apenas na semântica religiosa católica, mas dentro de uma forma de religião civil, na qual o cânone legitima a oficialidade de uma identidade, que é controlada por parcelas políticas da cidade, valendo-se da ideia de uma herança partilhada.

Mesmo que ressignificado, ganhando outros componentes e objetivos, é a historiografia produzida por cinco clérigos, com protagonismo para Sadoc de Araújo, que continua a abalizar a ordem do tempo sobralense, sendo consumida por dimensões diferentes da cidade, desde o poder público e a composição de um senso de identidade coletiva, mas também sendo compreendida como uma produção de história pelos pares da academia, especialmente pelos que passaram a escrever a história de Sobral, ligados ao Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú e aos diversos Programas de Pós-Graduação em História, os quais desenvolveram pesquisas sobre Sobral e espacialidades próximas, e tiveram esses sacerdotes enquanto referências de pesquisa.

Recordando dos importantes trabalhos de Enzo Traverso (2012) e Antoon De Baets (2013), como historiador que também consome a cidade e a cultura histórica que a constitui, questiono: como usar o passado? Como evitar que ele seja objeto de abusos? Tendo a responder que a melhor alternativa seja a de utilizar os materiais dispersos no tempo, no qual também orbita a própria historiografia, para entender que ela também merece uma própria história, sendo problematizada e desnaturalizando, evidenciando fissuras em seu discurso a fim de, quem sabe, produzir rachaduras nos mitos que foram erigidos por diferentes agentes da cidade. Desejo que essas rachaduras possam ser vistas por quem visita a história de Sobral, indo além dos adornos que tentam mitificá-la.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – Séculos XVII e XVIII – 1604-1800*. 2. Ed. Volume 1. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015a.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1801-1840*. 2. Ed. Volume 2. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015b.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense – 1910-1950*. 2. Ed. Volume 5. Fortaleza: EDIÇÕES ECOA, 2015c.
- BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Kaatz, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2010a.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- COSTA, Vicente Martins da. Don José Tupynambá 1º bispo de Sobral (Biographia). *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, ano XL, 1926.
- COSTA, Vicente Martins da. *Homens e Vultos de Sobral*. Sobral: [s.n.], 1941.
- DE BAETS, Antoon. Uma teoria do abuso da história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 17-60, 2013.

- FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FERREIRA, Luciana Moura. *Memória Social, Imaginário e Representação no álbum do centenário de Sobral – 1941*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FROTA, José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Estado, 1995.
- HARTOG, François. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- HOBSBAWM, Eric J. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: população e domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LINHARES, Fortunato Alves. Notas históricas da Cidade de Sobral. *Revista do Instituto Histórico*. Fortaleza, Ano XXXVI, 1922.
- LIRA, João Mendes. *De Caiçara a Sobral*. Sobral: [s.n.], 1971.
- POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984.
- RICŒUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. 3 volumes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RÜSEN, Jorn. O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora & MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história*. Curitiba: W. A. Editores, 2016.
- TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. 2ª ed. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

Notas

¹Cidade localizada no noroeste do estado do Ceará, situada há 230 quilômetros da capital Fortaleza, com população estimada em 203.023 pessoas, segundo o Censo de 2022 (IBGE, 2022).

²Tradução do autor, do original em francês: “La chronologie, par les séries de dates et de noms, qui montrent la suite d’ères et de leurs subdivisions depuis le point d’origine jusqu’à présent, la distance entre les deux ayant subi une énorme dilatation au cours des trois derniers siècles” (Pomian, 1984, p. IX).

Recebido: 09/01/2024
Aprovado: 05/08/2024